

Laelia fidelensis

Gilberto Tinoco e a *Laelia fidelensis*

E sempre um grande prazer visitar em São Paulo o meu amigo Gilberto, o último remanescente da diretoria de 1939 da Sociedade Fluminense de Orquídeas.

Guardo ternas lembranças da minha infância quando, embevecido, ouvia as histórias das suas aventuras pelos campos e matas das fazendas do Estado do Rio de Janeiro nas caçadas às orquídeas.

Na minha última visita, tive e grande surpresa de encontrá-lo escrevendo um livro sobre suas aventuras, influenciado, como disse, por um pedi-

do meu feito há algum tempo para que escrevesse algo para a revista Orquidário. Ainda na fase de esboço, leu alguns trechos desse livro intitulado “A minha maratona nos caminhos das Orquídeas”, numa linguagem simples e agradável, acompanhado de inúmeros desenhos.

Em atenção ao meu pedido, entregou-me o capítulo “A misteriosa *Laelia fidelensis*”, como a chamou J. A. Fowlie num artigo da Orchid Digest.

Nesse capítulo, Gilberto anexa fotos e recorda os fatos ocorridos durante as férias, em janeiro de 1940, numa fazenda na região de Bela Joana, perto de São Fidelis.

Luiz Paulo Schara



Laelia fidelensis Pabst

Gilberto Tinoco

Impulsionado pelo desejo de memorizar e descrever a “Minha Maratona no Caminho ‘as Orquídeas, quis o destino que, após sessenta anos, da descoberta dessa planta viesse a me utilizar de fatos e fotos inéditos do momento em que seu descobridor voltava de uma excursão a um lugar ou serra denominado Brasil, distrito de São Fidelis, trazendo ao ombro uma orquíde desconhecida para ele e da qual me ofereceu uma muda.



Essa planta teve uma especial influência sobre minha vida de orquidófilo por que me proporcionou a oportunidade de poder conhecer e conviver com os mais renomados mestres de orquidologia como Curt Brade, Hoehne, Pabst e outros, ao levá-la à Sociedade fluminense de Orquídeas para que fosse identificada, ou, se se tratasse, como eu suspeitava, de uma espécie nova, ser descrita e classificada. Mas, de lá saí com um possível híbrido natural de *Laelia pumila* ou *L. perrinii*. Até que um dia...

Capítulo 21
(Ano 1940)

A Misteriosa *Laelia fidelensis*

... Certo dia, após extenuante e proveitosa excursão às *Laelia crispata*, estávamos eu e meu amigo Célio com a família do proprietário da fazenda, fazendo um lanche quando fomos surpreendidos com a chegada de um cavaleiro que foi saudado pelo Sr Assis:

- Doutor Julio Sodré, o senhor por aqui, que prazer, entre,
- não, obrigado, respondeu. Já

está ficando tarde e eu não gosto de viajar à noite. Só vim ver se todos estão bem.

- Lógico, não fosse o senhor nosso médico...

Aproximamo-nos do cavalo para os cumprimentos e apresentações, mas eu já estava de olho nas orquídeas em flor na garupa, quando fui apresentado como um amigo da família e como ele também aman-



Dr Júlio Sodré com galho coberto de *Laelia fidelensis* que ele acabara de descobrir. A foto é de 1940 e seu autor é Gilberto Tinoco

te das “parasitas” e que já encontrara algumas. Nesse momento a curiosidade falou mais alto e apeou-se do cavalo para ver as *Laelia crispa* que eu coletara, fazendo elogios à robustês e ao tom avermelhado das folhas, tão diferentes, disse das que tinha encontrado nas matas, com folhas verdes e flácidas, de difícil adaptação ao ambiente de cultivo de que dispunha.

Daí em diante a conversa prolongou-se, com o Dr. Júlio participando do lanche e discorrendo so-

bre as plantas que trazia das matas de uma serra chamada Brasil, como *Laelia pumila*, *L. perrinii*, de uma *Cattleya guttata*, que, mais tarde, soube que era uma variedade com labelo branco que passou a ser conhecida como **Sodreiensis**.

O tempo passou sem que percebêssemos e o Assis convenceu ao Júlio a pernoitar, gracejando com ele de que não conviria viajar à noite por causa das onças...

Pela manhã antes das despedidas ofereci-lhe uma touceira da *Laelia crispa* e ele me presenteou com uma muda da planta desconhecida, já com espata. Atendendo a meu pedido, posou para a foto acima tendo no ombro o galho que continha a planta.

Terminadas as férias e de volta ao Rio, levei a planta já florida a uma reunião da sociedade para tentar identificá-la, acreditando tratar-se de uma espécie nova.

Tive a sorte de estarem presentes três sumidades da orquidologia nacional: F. C. Hoehne, Curt Brade e Guido Pabst. Por solicitação da Diretoria, fiz uma detalhada exposição sobre o assunto, sem esquecer de citar o nome do autor do achado.

A planta foi colocada no centro de uma mesa para que todos os presentes examinassem e dessem suas opiniões quanto a identificação,

antes dos “notáveis”, para que não fossem influenciados pela opinião destes.

Cientes de que, conforme a minha declaração de que existiam também, no local onde fora encontrada aquela planta, *Laelia pumila* e *L. perrinii*, a maioria inclinou-se por achar que se tratava do híbrido natural *Laelia x Juvenilis*. Os “maiores”, porém ficaram em dúvida, com Hoehne se inclinando para admitir tratar-se de uma espécie nova. E o assunto morreu por aí como se minha plantinha fosse uma vergonha por ser um híbrido natural.

Ao voltar à pensão em que morava, cuidei de fazer uma aquarela para documentação, para o caso de vir a fenecer, o que de fato aconteceu pois não suportou as condições ambientais.

Após esses fatos, ainda permaneci, por quatro anos, na diretoria da SFO e nunca verifiquei qualquer interesse em elucidar se se tratava de uma espécie nova, o que sempre é de importância para a sistemática botânica.

No ano seguinte, prosseguindo na minha “Maratona no Caminho das Orquídeas”, mudei-me para São Paulo a convite do arquiteto orquidófilo Vicente Nigro, presidente da Sociedade Bandeirante de Orquídeas, para fazer parte da sua firma de construções e, desde então,

nunca tive qualquer referência sobre a existência da planta, até que...

Em 1967, vinte e sete anos após sua descoberta, recebi um exemplar da revista “Orquídea”, Vol. XXIX, nº I, que publicava um artigo denominado “Additamenta ad Orchidologiam Brasiliensem”, de autoria de Guido Pabst e, na página II, a descrição e classificação da:

“*Laelia fidelensis* sp. nov. - Tab VI, fig... (a seguir a diagnose em latim) e:

“Habitat: - Estado do Rio de Janeiro, Serra São Fidelis, pr. Campos. In collectione cl. Lucilio Leite, fl. 25 jan. 1967 (HOLOTYPUS HB 41267); loc. cit in cult. Jardim Botânico Rio (HB 20455); cult. in coll. cl. F. Ficher, Niteroi HB3063) leg. Gilberto Tinoco, Serra do Imbé, pr. Campos, apud del. cl. A. C. Brade.

“Esta nova planta já era conhecida de longa data em cultivo, no Rio de Janeiro e em Niteroi, de plantas vindas da serra de São Fidelis razão pela qual era chamada de *Laelia fidelensis*, nome que também mantivemos. É uma espécie bem ornamental, mas de colorido um pouco monótono, por ter o labelo a mesma cor dos sépalos e pétalos. É bem variável no tamanho das flores, razão porque ilustramos as formas extremas observadas.”

Até que enfim a “minha plantinha” conseguiu subir ao altar das

novas espécies, graças aos esforços do Orquidário Binot com a colaboração de Rolf Altenburg que lhe ofereceu as sementes de que germinaram plantas com uniformidade na cor de suas flores.

Era mesmo uma planta misteriosa, conforme J. A. Fowlie, diretor da revista *Orchid Digest* no artigo “Em busca da miste-

riosa *Laelia fidelensis* Pabst” (vol. 41, n.º 4, julho/agosto de 1977). Foi um perfeito, extenso e pormenorizado trabalho, com gravuras coloridas de *Laelia fidelensis* e *L. perrinii*, um mapa da parte leste do estado do Rio de Janeiro, com indicação do local em que foi encontrada.

Rio de Janeiro

